

*UM SAPATEIRO E SUA BIBLIOTECA: MILITANTES
COMUNISTAS NA CIDADE DE PARANAGUÁ-PR ENTRE AS
DÉCADAS DE 1930 E 1950*

THIAGO ERNESTO POSSIEDE DA SILVA*

O presente texto vislumbra discutir alguns aspectos teóricos e epistemológicos a respeito dos sentimentos na história, bem como a relação intersubjetiva e/ou interdependente entre os atores históricos, refletindo sobre as condições de possibilidade para uma análise das paixões políticas. Destacamos como essencial e complementar, dedicar uma reflexão mais detalhada do pensamento de Norbert Elias para análises que partam de indivíduos e pequenos grupos, juntamente com as propostas teóricas de Pierre Ansart sobre as paixões políticas.

Com essas noções em mente, dispomos discutir nossa pesquisa de mestrado, sob o título *Entre Sapatos & Livros: A formação da militância comunista em Paranaguá, 1930 – 1956*, propondo uma análise da militância política, partindo de um sapateiro comunista, visando observar a sua trajetória, ao mesmo tempo em que há a incidência da atividade militante na cidade, procurando compreender como se formou esse corpo de militantes, dialogando entre a noção de intersubjetividade e os sentimentos, como campo analítico da pesquisa histórica.

O ponto de partida da pesquisa, o sapateiro Antônio Araújo Rocha, além de militante do Partido Comunista do Brasil, aparece nas fichas da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) como secretário de divulgação do PCB, secretário político de célula comunista, sendo preso por exercer atividades que os agentes da DOPS designam como *comunistas*, além de ser detido por subversão a ordem, líder dos comunistas de Paranaguá, candidato a deputado estadual pelo PCB, tesoureiro da União Sindical dos

* Aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, bolsista CAPES.

Trabalhadores do Paraná, bem como distribuidor de jornais comunistas pela cidade e atuante na publicação de textos de sua autoria nesses mesmos jornais¹.

A especificidade do sapateiro Antônio Rocha, conhecido em Paranaguá como Antoninho Sapateiro ou Toninho Sapateiro, é sua trajetória ser caracterizada pelo gosto e interesse que desenvolveu pela leitura. Seu nível escolar não passou do antigo primário (séries iniciais do que compreendemos hoje da educação básica), porém, reuniu um acervo de livros que apresenta uma heterogeneidade de temas muito distinta.

Estima-se que seu acervo tenha em torno de mil livros, revistas e panfletos. Se destaca a literatura europeia do século XIX e XX, literatura brasileira, filosofia, história, medicina, contos eróticos, novelas, romances históricos e publicações de conteúdo esquerdista.

Destacamos nesse universo intelectual, títulos que podem ser considerados fundamentais na formação do militante comunista. Indicamos alguns: o pequeno livro de Diógenes Arruda, *Nosso Partido, Nossa Tática, Nossas Tarefas Atuais*; *A Luta Interna no Partido*, de Liu Chao-Tsi; *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*, de Lênin; *O PCB e a Luta pela Paz e pela Democracia*, de Luiz Carlos Prestes; *A Cultura Soviética*, de Alexei Tolstoi, Henry Sigerist et al; *Materialismo Dialético*, de V. P. Tchertkov, V. S. Molodtsov et al; *Em Marcha para o Socialismo e Problemas Econômicos do Socialismo na URSS*, ambos de Stalin; exemplares das revistas *Divulgação Marxista*, dirigida por Calvino Filho e S. O. Hersen e, *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*, dirigida por Diógenes Arruda (todos estes publicados entre as décadas de 1940/50).

A lista de títulos é extensa, permite indagar sobre o tipo de leitura que foi feita e como isso resultou na prática da militância. Porém, há um problema, não devemos nos deixar persuadir pelas fontes, e concluir que houve uma militância assim que ocorreu o contato do indivíduo com a leitura destes textos. A partir de que ponto ocorre a militância? Será que o militante comunista é feito da leitura? Até que ponto o sapateiro

¹ Dados presentes na Ficha Individual de Antônio Araújo Rocha, no acervo do Arquivo Público do Paraná, seção de documentação da Delegacia de Ordem Política e Social. Nº 34.883.

Antônio Rocha desempenha um papel fundamental na militância política? Ele se enquadra como um intelectual e militante ao mesmo tempo?

A abordagem escolhida para tal estudo, pauta-se, em um primeiro momento, numa perspectiva do método da microhistória, como proposto inicialmente por Carlo Ginzburg, em seu famoso *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, analisando os processos inquisitoriais do moleiro Domenico Scandella (Menocchio), Ginzburg elabora um quadro das relações sociais, buscando compreender a cosmologia de uma pessoa comum, a partir da interpretação que este fez dos livros que entrou em contato e das conversas que realizou com pessoas mais instruídas de conhecimento, percebendo os indícios deixados nos processos realizados pelos padres inquisidores da igreja católica (GINZBURG, 1987).

Assim, o historiador italiano observa de perto a vida do moleiro, ao mesmo tempo em que apresenta o funcionamento da Inquisição e suas estratégias de conseguir ouvir das pessoas que acusava de feitiçaria, heresia, blasfêmia e bruxaria, a confissão esperada, via torturas corporais e persuasão através de argumentos.

Na mesma direção, publicado alguns anos antes, o estudo do historiador britânico Edward Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa*, nos oferece ferramentas de análise profícuas para a realização de nossa proposta de estudo, uma vez que o autor parte para a compreensão do como se organizou o operariado inglês para a reivindicação de direitos, observando o processo dessa formação entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX (THOMPSON, 2011).

Podemos ver sua abordagem se realizar, inicialmente, observando a atuação do sapateiro Thomas Hardy na Sociedade Londrina de Correspondência, se organizando com outros trabalhadores, com o objetivo de buscar direitos para os seus pares. Enquanto analisa um indivíduo, Thompson traça a análise para um grupo maior de pessoas, destacando a formação de uma classe em determinados períodos, precisamente, em períodos de conflito, quando os trabalhadores sentem sua sobrevivência ameaçada.

Outros estudos que nos é favorável para a pesquisa são os desenvolvidos por Norbert Elias, em especial, o seu modelo estabelecidos-outsiders, que aparecem mais sistematizados em *Mozart: Sociologia de um Gênio e Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*.

Ambas as pesquisas propõem pensar para além dos objetos analisados, isto é, a preocupação sociológica de Elias não é responder apenas problemas específicos, que dizem respeito a um recorte temporal e espacial, sem conexões com outras realidades, mas, observar como se dão as relações sociais em um processo social em constante desenvolvimento, sem uma direção determinada.

Assim, para poder observar como uma configuração social se organiza, Elias sugere pensar tal dinâmica no contexto da análise de um indivíduo e suas relações interdependentes no grupo que se insere e ao qual se opõe, buscando entender a maneira que o indivíduo se articula nesse espaço, logo, indica alguns caminhos metodológicos que podem fornecer chaves de compreensão, que vão de um microcosmo até um macrocosmo.

A possibilidade de abordagem que Elias desenvolve, no campo individual da análise social, considera, primeiramente, indagar o que a pessoa elege ser a realização ou o vazio de sua própria vida. Neste ponto, o autor alerta que analisar o outro, do ponto de vista em julgar os significados ou a falta deles, de acordo com os padrões que aplicamos à nossa própria vida e a maneira que a organizamos, elenca um grave erro analítico, pois, estaríamos esvaziando o objeto de análise, a ponto de conseguir captar apenas o que vemos, de acordo com os nossos pré-conceitos, e não o que o objeto pode nos mostrar (ELIAS, 1995: 10).

Abrindo essa possibilidade, Elias afirma que é preciso verificar os desejos que o indivíduo busca satisfazer, de maneira que o sentido que é atribuído ou não à sua vida, poderá fornecer indícios de como são os níveis de aspirações e de desejos que este pretende realizar (ELIAS, 1995: 13). Considerado esse ponto, o pensamento sistêmico de Elias destaca que, nenhum indivíduo está deslocado de sua configuração social, não age sozinho e tampouco pode determinar grandes mudanças, cada passo que dá, cada decisão que toma, está intimamente conectada com o campo social a que pertence, de forma que suas ações só fazem sentido, ou não, em relação aos outros indivíduos.

Pensada essa prerrogativa, Elias lembra que uma pessoa como Mozart, só aparece como um ser humano quando consideramos seus desejos sendo parte de seu tempo, só faz sentido entender um indivíduo e o tempo em que está inserido, quando o compreendemos pelos seus próprios termos, pela sua experiência.

Diante disso, pensar o indivíduo como um representante de uma transição, de acordo com Elias no caso de Mozart, não leva a análise para uma verticalização mais profunda, de modo que, é necessário problematizar o objeto no que o autor chama de *campo social*, onde conflitos são travados, em uma perspectiva ampla de observação, mas, também, abrindo os olhos para o interior de muitos indivíduos (ELIAS, 1995: 13).

Neste ponto, Elias argumenta que faltam estudos sobre vários aspectos individuais das tensões sociais, seu interesse demonstra a necessidade de compreender tanto o funcionamento e a organização de uma configuração social, ao mesmo tempo em que propõe analisar um indivíduo específico, pois, sua intenção é elaborar um modelo teórico analítico da configuração que uma pessoa forma, em sua interdependência com outras figuras sociais de seu tempo histórico (ELIAS, 1995: 17).

Logo, chama a atenção para a importância de traçar um quadro lúcido das pressões sociais que agem sobre o indivíduo, principalmente no que tange na apresentação do modelo das estruturas sociais e as diferenças de poder entre elas, nesse sentido, Elias destaca que só dentro da estrutura de tal modelo é que se faz a possibilidade de medir o que uma pessoa, envolvida pela configuração social que está inserida, é capaz ou não de fazer (ELIAS, 1995: 19).

A partir disso, é possível observar as coerções que se fazem inevitáveis e que agem no indivíduo, bem como a maneira que se comporta diante delas. Elias justifica esta proposta de análise, definindo o modo como faz sociologia, em oposição ao que chama de *sociologia destrutiva e redutora*. Em suas palavras, “a sociologia é uma ciência que deveria nos ajudar a entender melhor, e explicar, o que é incompreensível em nossa vida social” (ELIAS, 1995: 19), isto é, sua intenção é tornar as situações humanas mais fáceis de entender, como propõe no caso de Mozart.

Elias esclarece que, em complementariedade ao entendimento do funcionamento da estrutura do campo social, é necessária a observação dos padrões de comportamento e de sentimento dominantes de uma configuração social, ou seja, o modo das pessoas agirem sobre si mesmas e diante dos outros, quais sentimentos se expressam mais, a intensidade e permanência dos sentimentos, como os comportamentos estão ligados à estrutura social. Assim, através dos padrões de comportamento e de sentimentos dominantes, Elias propõe que, é possível observar

como se dão os conflitos entre dois grupos distintos de uma configuração social em um campo mais amplo, isto é, no macrocosmo, atentando principalmente para as diferenças de poder entre os grupos (ELIAS, 1995).

Compreendendo a estrutura social e a organização da configuração, para se aproximar do indivíduo e captá-lo enquanto um indivíduo que vive entre outros, nesses espaços de conflito, Elias destaca que para entendê-lo é necessário imaginar os seus sentimentos, imaginar como se sentia enquanto pessoa inserida em dada circunstância, no caso de Mozart, sua relação com a sociedade de corte era ambígua, buscava sua emancipação das rédeas dos senhores e patrões, mas, desejava ser aceito pelos mesmos (ELIAS, 1995).

Diante disso, Elias argumenta que, considerando os sentimentos (humilhação, ressentimento, desejo de reconhecimento, igualdade) e as atitudes encontradas no estudo acerca de Mozart, podem ser vistas conexões com um tipo de relação estabelecidos-outsiders (ELIAS, 1995).

Essa relação entre *estabelecidos* e *outsiders* visa explicar diferenciações, principalmente no que tange a comportamentos, relações de poder que se fazem presentes em diversos outros contextos e problemas sociológicos semelhantes em territórios distintos (exclusão social, por exemplo, em um macrocosmo), para legitimação de um grupo que constrói uma autoimagem de superioridade, frente ao grupo que não consegue desenvolver uma capacidade de organização, coesão e adequação a padrões de comportamento e de sentimento, tal qual o grupo estabelecido julga possuir (ELIAS, 2000).

Pensando o modelo estabelecidos-outsiders como uma chave de compreensão de realidades distintas, este fornece mecanismos de percepção de problemas sociais que podem parecer obscuros ou de difícil acesso, por exemplo, via variáveis estatísticas ou constantes sociológicas, que fazem, por sua vez, distanciar a análise de perto dos indivíduos, percebendo suas aspirações, desejos e sentimentos.

Logo, pensando o uso de uma escala reduzida de análise social, como um foco de investigações acerca de problemas que se encontram em unidades sociais muito maiores e diferenciadas, produz a possibilidade para explorar problemas de forma microscópica, porém, lembrando que não é a intenção do projeto de Elias se deter na

pesquisa de minúcias, mas sim, percebê-las como componentes de uma figuração muito maior (2000: 20).

Quando se pensa problematizar uma configuração social, via o modelo estabelecidos-outsiders, é fundamental destacar em observação o que Elias chama de peça central da figuração, isto é, o *equilíbrio instável de poder*, com as tensões e conflitos que são inerentes a cada caso. Aqui, medir como se desenvolve o problema da estigmatização social é necessário, para poder ter acesso ao funcionamento do controle dos afetos de grupos distintos, de modo que, um grupo bem instalado em suas posições de poder detém do que podemos chamar de dispositivo de exclusão ou estigma, fazendo com que o grupo outsider se reconheça como inferior, legitimando alguma superioridade dos estabelecidos (2000: 23).

Pode se refletir que, os conflitos entre estabelecidos e outsiders só fazem sentido quando percebidos em sua formação histórica. Como se formaram? Quais as motivações sociais para que haja uma lógica de exclusão e do estigma social? Voltando ao estudo de Mozart, Elias apresenta que o conflito foi se formando de maneira lenta, da coexistência entre pessoas e seus poderes (1995: 124). Para se compreender esses conflitos, trazemos como alternativa, partindo de Elias, pensar a formulação de *escalas do conflito social*, atentando para a observação das tensões sociais em ampla medição, desde um indivíduo, seus conflitos internos, até às tensões sociais que se dão em um nível mais geral, entre grupos humanos maiores, por exemplo: das sociabilidades entre aristocratas de corte e burgueses, entre burgueses e proletários, entre proletários e proletários da mesma região, entre proletários e imigrantes proletários, buscando compreender como as tensões se formam, onde se justificam para existir e como permanecem em um campo temporal.

Pensar tal modelo interpretativo, com vistas a analisar o indivíduo dentro da configuração social, implica considerações metodológicas fundamentais para poder construir um quadro de análise diante do que se pretende destacar em observação. Assim, Elias destaca que, quando os sociólogos se articulam, de maneira consciente ou inconscientemente, em suas pesquisas, abordando os dados sociais que colhem, como se as configurações sociais fossem apenas um grande amontoado de pessoas singulares, sem conexões umas com as outras (1997: 60).

Buscando apreender as configurações com base em indivíduos, eles não conseguem perceber que esses grupos de indivíduos são formados por subunidades, que possuem, por sua vez, suas especificidades estruturais. Desse modo, essas especificidades podem permanecer incompreensíveis se voltadas apenas para as pessoas singulares, deixando de lado as estruturas e as configurações que os indivíduos formam, em conjunto (1997: 60).

Partindo das premissas pensadas acima, como pontos de partida para uma análise das relações sociais, o modelo proposto por Elias visa o entendimento dos conflitos entre grupos, passando pelo estudo de um indivíduo, bem como de uma pequena cidade, buscando elucidar problemas de exclusão social e estigmatização, que não são restritos unicamente a um espaço e em um tempo específico, abrindo a possibilidade de estudos sociológicos e históricos que não percam de vista o que acontece em um microcosmo, bem como o que acontece na imensidão do macrocosmo, pensando principalmente o que constitui as conexões dessas duas esferas, os problemas sociais que surgem, que se desenvolvem em um período de longo prazo e a forma que os indivíduos se relacionam dentro desse conjunto, como constroem estratégias de sobrevivência e como pensam seus problemas sociais.

O que há em comum nesses estudos? Podemos pensar que as relações sociais se dão de maneira intersubjetiva e/ou interdependente, Wolfgang Heuer lembra que Hannah Arendt elabora uma crítica acerca da separação, no mundo moderno, dos homens em “eu” e “eles”, formulando o conceito de um mundo da intersubjetividade, onde “eu” e “eles” são inseparáveis, compreendido que são indissociáveis, os padrões de comportamento e de sentimento só podem ser entendidos em relação a algo, ao outro, percebendo os sentimentos através da relação intersubjetiva, ou seja, inter-humanas (HEUER, 2009).

Heuer apresenta a intersubjetividade pelas relações inter-humanas, de acordo com Arendt, não apenas como uma reflexão a respeito do totalitarismo e a ausência dessa mesma intersubjetividade no contexto totalitário, mas como uma porta de entrada para o entendimento dos fenômenos políticos como liberdade, poder, violência e autoridade (2009: 169). Em linhas gerais, o autor traz um pensamento muito próximo do que Elias formula a respeito da interdependência dos indivíduos em uma configuração

social, uma vez que um indivíduo age em relação ao outro, pensa, sente, cria, sempre numa relação interdependente, não existe sozinho, fora de seu espaço.

Logo, só podemos entender um objeto de pesquisa quando observado em um conjunto de dados e as relações que mantém com os mesmos, ou seja, a formação da militância comunista em Paranaguá, dos anos 1930 aos anos 1950, só fazem sentido quando observados nesse sistema interpretativo, das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e as interdependências formadas entre si, em momentos de conflito principalmente.

Essas relações, quando analisadas em conflitos no campo social, podem nos fornecer indícios de como os sentimentos são percebidos, materializados em ações e articulados para a organização de outros conflitos, reivindicados como necessários para manter a coesão de um grupo, de uma nação, de um partido político.

De acordo com Pierre Ansart, em sua obra inaugural da análise dos sentimentos (ANSART, 1983), partindo de Marx, as paixões políticas e, mais precisamente, as sensibilidades políticas, são um fenômeno decisivo no desenrolar da história. De maneira que, a dimensão afetiva da vida política não está separada em uma zona externa, não há separação entre a razão e as paixões na política, ambas atuam juntas nas ações humanas, dessa forma, o autor elenca uma pergunta fundamental para pensar o que propõe. “Como compreender e explicar a intensidade de uma emoção coletiva e suas consequências, a persistência de um apego, a violência de um amor ou de uma raiva política?” (ANSART, 1983: 7).

No mesmo contexto, Ansart levanta outras perguntas que nos levam a questionar a forma de perceber a pesquisa via sentimentos, concentrando seu raciocínio em pensar, como os sentimentos políticos são geradores de uma sociedade, de uma classe social ou de um partido político? Como se articulam as mutações e a radicalização dos afetos coletivos, por exemplo, no curso de um conflito? E com quais consequências? Como as paixões, as emoções, os sentimentos coletivos acompanham e sustentam as práticas políticas particulares? O autor busca em Montesquieu uma hipótese que parece ser fecunda, em um ponto de vista que pode fornecer caminhos teóricos para a pesquisa histórica, destacando que, cada sistema político coloca no lugar

um modelo de paixão política que corresponde a sua estrutura e ao seu funcionamento (1983: 7).

Assim, um sistema passional, segundo Ansart, não é simplesmente um acompanhante da vida política, mas um conjunto dinâmico e regulador da experiência e da vida, pelos agentes sociais. Dessa forma, cada momento da vida política é marcado pela difusão de múltiplas mensagens, que visam a influenciar os apegos e as repugnâncias, as esperanças e as crenças, em determinados cenários políticos. O autor argumenta que, toda situação se acompanha, nos diferentes meios sociais, de atitudes afetivas diversas, homogêneas ou conflituais e que são passíveis de observação, tanto em suas evoluções rápidas ou lentas, indo da indiferença para a cólera, bem como do entusiasmo para a decepção (1983: 11).

Diante disso, Ansart afirma que, é possível observar pelo menos quatro pensadores desenvolvendo colocações a respeito da dimensão afetiva na história. No contexto do que se pode compreender como os grandes teóricos e filósofos da vida política, de Platão a Marx, demonstram atenção a essa dimensão e para a necessidade de procurar meios para analisá-la.

Montesquieu (como citado mais acima) formula a hipótese que para cada grande sistema político, corresponde uma paixão política dominante. Por exemplo, a virtude, a honra e a crença, estariam participando da manutenção e da regulação do sistema.

Alexis de Tocqueville aparece comparando as sociedades europeias da vida social americana, notando a importância do que ele propõe chamar de as *paixões gerais e dominantes* de uma sociedade.

Voltando a Marx, Ansart destaca a importância dada pelo pensador nas diversas dimensões da afetividade política. Sugerindo sublinhar esse ponto, Ansart propõe partir desta observação e ir contra a vulgata economicista da interpretação dos escritos de Marx, pois, refletindo a respeito da Revolução de 1848 e da Comuna de Paris, o pensador alemão descreve as mudanças das sensibilidades, suas contradições e suas consequências (1983: 12).

Partindo deste princípio, o autor sugere que a importância histórica das paixões políticas não é geralmente reconhecida, principalmente em suas fases de maior

intensidade, como as revoltas ou revoluções. Nesses casos, passam muitas vezes a serem caracterizadas e suspeitas de fanatismo. Simples impulsos, irracionais.

As paixões políticas fazem parte de uma conjuntura histórica e são fenômenos que estão em relação e em inter-relação com essa conjuntura, com as relações de classe e com o desenvolvimento das lutas de classes, isto é, não estão desconectadas do universo cognitivo dos indivíduos. As intensidades emocionais podem ser, em certas circunstâncias, a dimensão essencial dos confrontos, pois, se forem analisados, por exemplo, os sentimentos entre patrões burgueses e seus funcionários que trabalham em uma fábrica, se observará sentimentos distintos entre os dois grupos. Por outras palavras, em uma hierarquia, os apegos dos grandes burgueses são diferentes dos pequenos burgueses, que por sua vez, diferem dos operários explorados (1983: 12).

Diante disso, a experiência política de cada um é incessantemente marcada, em diversos níveis de intensidade, por nuances sutis de satisfação, descontentamento, interesse e/ou animosidade, em contrapartida, por essas experiências serem tão distintas e aparentemente dispersas, de indivíduo para indivíduo que, qualquer classificação é simplificadora, de acordo com o autor (1983: 14).

Adentrando nesse ponto, Ansart argumenta que toda a gama sutil dos sentimentos e das emoções, da alegria extrema à angústia, do amor ao ódio, pode ser encontrada em nossa experiência política, lembrando Marx, cita que há três configurações essenciais da experiência política: o entusiasmo, o desconforto/mal-estar e a cólera revoltosa (1983: 14).

Para ilustrar o argumento do autor, selecionamos uma denúncia de um comício comunista em Paranaguá, no dia 1 de agosto de 1954.

Como brasileiro amante da liberdade e defensor do regime do liberalismo em que temos vivido, cumpre-se levar ao vosso conhecimento, uma ocorrência grave que presenciei no dia 1º do corrente, nesta cidade. Um comício comunista, levado a efeito pelos candidatos da chamada Liga de Emancipação Nacional. O candidato Felipe Chede, repisou o chavão norte americano e propugnou medidas socialisadoras, mas em um terreno um pouco mais elevado. Os demais oradores, foram ao extremo da tolerância. Estanislau Cardoso, Ubirajara e outros, fizeram profissão de fé comunista, sem reboços. O primeiro desancou o Presidente da República, os ministros de Estado, Governador, Generais, etc. a quem chamou de miseráveis traidores e

entreguistas. Concitou os presentes a ingressarem no Partido Comunista do Brasil, que é no seu dizer, o único repositório de dignidade e patriotismo...Terminou fazendo a saudação de punhos fechados e pedindo uma salva de palmas ao camarada Prestes, ao que a claque colocada na tribuna correspondeu ardentemente.

Isto é o cúmulo do desaforo! Não há polícia neste Estado? Não podemos ficar a mercê desses desclassificados, dessa caterva indecente. A reação deve partir dos poderes públicos. Que não venham dizer que isto é democracia e deve ser livre a propaganda das ideias. Aos que assim pensam, devemos mandar que atravessassem a “cortina de ferro” e que façam lá a propaganda. Diz o provérbio popular que quem cala consente. Silenciar num caso deste é um crime. Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre.

Acaulem-se os poderes constituídos, porque nossa liberdade e o regime correm perigo. Cordialmente o saúda, um eleitor.²

Podemos perceber certo desconforto, por parte da pessoa que escreveu a carta, no que se refere ao que foi levantado pelos oradores, principalmente quando é manifestada a oposição em relação ao governo. As atitudes dos comunistas são recebidas como ofensa aos ouvidos do autor da carta, exteriorizando seu sentimento de revolta e o desejo que possui para que ela se realize, a própria atmosfera de ilegalidade do PCB e o anticomunismo dão condições para o autor proferir tais argumentações. Diante disso, podemos observar dois momentos presentes na carta, o primeiro; com um tom de delação, buscando descrever com detalhes a cena do comício e, o segundo; com um tom autoritário, desaprovando o que foi dito.

A atmosfera brasileira nas décadas de 1940 e 1950 caracteriza-se, principalmente após 1947, como uma conjuntura de reação contra o movimento operário e os comunistas, pois, um decreto presidencial (Governo Dutra) colocou o PCB na ilegalidade ao mesmo tempo em que inúmeros sindicatos sofriam intervenções do Ministério do Trabalho, alegando que esses, deveriam se afastar dos movimentos sociais (NEGRO; SILVA, 2011).

Diante disso, como medir os sentimentos, as emoções, as paixões políticas? Ansart propõe alguns sinais metodológicos para se aproximar dessa dimensão, apontando para o reagrupamento e a escolha dos indícios, dos rastros das emoções, dos

² Fundo da Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS – Acervo do Arquivo Público do Estado do Paraná. Pastas Temáticas: Nº 584c, Topografia: 65. p. 60.

sentimentos e das paixões. Para ele, as emoções são afetos vivos e com uma limitação no tempo, os sentimentos são mais duráveis e menos aparentes, as paixões seriam ambíguas quando analisadas, pois são, de acordo com o autor, afetividades vivenciadas possuindo níveis de intensidades nas ações.

O autor destaca que é possível observá-los em manifestos, discursos, proclamações políticas (como procuramos demonstrar no fragmento de fonte, mais acima), bem como no que ele chama de discursos ambíguos, onde a intenção não é prioritariamente política. Nesse contexto, a gama de possibilidades se abre para a análise, passando por expressões artísticas até conversas privadas, focalizando, sobretudo, a intenção de se fazer ver os afetos dominantes de uma conjuntura histórica (ANSART, 2001).

Um ponto de fundamental importância, proposto por Ansart, diz respeito ao caráter coletivo dos afetos e que aqui, se faz necessário refletir. É problemático pensar que haja um sentimento de unidade, por exemplo, em uma nação, em um partido político, em uma fábrica, por isso, o autor destaca que é necessário ficar atento e verificar as especificidades individuais (do mesmo modo que Elias argumenta e que apresentamos mais acima). Assim, nas palavras de Ansart, “é preciso distinguir o lugar e o papel dos grupos militantes, seus líderes efetivos ou simbólicos, seus dizeres e seus fazeres. Eventualmente, deve-se analisar o papel excepcional de um ator individual.”³

Por fim, mesmo analisando de perto um caso individual, compreendendo o funcionamento de seu comportamento e de seus sentimentos, vamos de encontro com as propostas de Elias, quando expõe a necessidade de pensar o indivíduo junto com o todo. Dessa maneira, qual a relação entre uma indignação individual e uma coletiva? Aqui, voltamos à atenção fundamental de que é preciso se ater para o estudo das relações intersubjetivas, pois, não se pode responder como se dão os ódios, os amores coletivos, as humilhações, os ressentimentos, as emoções mobilizadoras, via a análise de um caso particular, como é desenvolvido por Ansart (ANSART, 2001).

Referências Bibliográficas:

³ Idem, p. 155.

ANSART, Pierre. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne: L'age d'homme, 1983.

_____. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 33, p. 145-162, 2001. Editora da UFPR.

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *Envolvimento e Distanciamento*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HEUER, Wolfgang. Nem “eu” nem “eles”: Intersubjetividade no pensamento de Hannah Arendt. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Isabel; BREPOHL, Marion. (orgs.). *Figurações do Outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3.

THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.